

O surgimento da seção brasileira da Internacional Comunista 1917-1928

DARIO CANALE

São Paulo: Ed. Anita Garibaldi/Fundação Maurício Grabois, 2013, 414p.

Marly de A.G.Vianna*

O livro de Dario Canale, *O surgimento da seção brasileira da Internacional Comunista 1917-1928*, deve ser saudado como importante contribuição à história do Partido Comunista do Brasil (PCB). Além de vasta bibliografia sobre o assunto, Canale consultou uma grande quantidade de jornais operários e praticamente todos os documentos sobre o PCB e a IC disponíveis em arquivos na época.

Valiosos no livro são os problemas que Canale levanta. A partir de sua condição de pesquisador e ao mesmo tempo de militante comunista, ele consegue entender com profundidade a história da militância de esquerda. Canale mostra, por exemplo, como o movimento operário e sindical atuou nesse período profundamente dividido entre duas correntes: uma reformista e uma revolucionária, destacando que a corrente reformista, “amarela”, sempre foi a maioria absoluta do movimento (p.74). Indica também que mesmo os partidos ditos socialistas e/ou operários eram uma variante do reformismo, muito mais uma expressão “de setores republicanos radicais da pequena burguesia que procuravam nos operários suas freguesias eleitorais” (p.82).

Comentando o rompimento entre os anarquistas e aqueles que se colocaram a favor da ditadura do proletariado, Dario dá exemplos tirados da visão “democrática” dos anarquistas, assim como de seu sectarismo relativo às alianças políticas.

* Professora aposentada de História da UFSCar. E-mail: magvianna@uol.com.br

Cita Everardo Dias, que fala sobre certa hipocrisia dos anarquistas, quando dizem que minorias (partidárias) não podem decidir pelo conjunto da classe: “Quem não sabe que às assembleias não concorre nem um terço da classe? E não é então uma minoria que resolve, que decreta a luta, que ameaça os ‘amarelos’, que manda espancar os ‘crumiros’?” Mas a crítica aos anarquistas não impede que mostre toda a importância deles nas lutas pela organização do movimento operário.

Condenando o sectarismo de uma perspectiva revolucionária, destaca a importância de grupo de intelectuais burgueses progressistas na organização da luta operária. Considera em sua análise também a revista editada pelo grupo Clarté – fundado no Rio em 1921 como “organização da intelectualidade brasileira democrática” – e seus membros que ingressaram mais tarde nas fileiras do PCB, como Cristiano Cordeiro, Paulo Lacerda e Afonso Schimidt (p.170).

Canale, entendendo a importância da ligação do pequeno grupo que fundou o PCB com a Internacional Comunista (IC), mas é bastante crítico em relação às atitudes tomadas pela Comissão Central Executiva (CCE) do PCB para “satisfazer” às exigências da organização internacional. Dá como exemplo a expulsão de Antônio Bernardo Canelas que, representante do PCB no 4º Congresso da IC, não conseguiu que o partido fosse aceito como membro do *Komintern* com plenos direitos. A expulsão de Canelas foi acompanhada de muitos epítetos pejorativos, o que, diz Canale, foi bastante injusto. “Ele possuía capacidades políticas não inferiores às da média da CCE. Durante sua intensa atividade como jornalista, Canelas havia demonstrado intuição política e coragem pessoal” (p.248).

Canale analisa detalhadamente os artigos sobre o Brasil publicados pela Revista *Movimento Comunista*. Em editorial “Em favor de si mesmos”, de janeiro de 1922, os comunistas dizem que as eleições presidenciais não tinham qualquer interesse pelos trabalhadores (p.270). Condenar as eleições era uma posição dos anarquistas e, segundo Canale, o PCB se esforçava por mostra a eles – considerados os únicos com quem podiam fazer aliança – “que sua opção pela execrada ‘política’ não significava uma renúncia aos princípios revolucionários a favor de uma opção eleitoreira” (p.271).

Canale mostra também a luta dos comunistas para participar do movimento operário. Comentando as posições de Octavio Brandão, expostas em seu livro *Combates e Batalhas*, diz que Brandão simplificou as relações entre o PCB e a Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira, julgando que o líder operário reformista Sarandy Raposo “quisesse apenas chantagear o governo Bernardes, isto é, manobrar para obter mais recursos e privilégios” (p.288). Para Canale, “o PCB seguiu por algum tempo uma linha original e audaciosa, de frente com os nacional-reformistas, aproveitando as contradições entre estes e o governo federal, apesar dos atritos com o líder Sarandy Raposo. [...] A flexibilidade dessa tática sindical do PCB permitiu-lhe, pela primeira e talvez única vez, nos anos 1920, lançar uma ofensiva em direção à maioria absoluta dos trabalhadores então organizados, saindo do círculo restrito das seitas libertárias” (p.288).

Ao tratar da IC, Canale é bastante crítico, mas sem repudiar grosseiramente as posições do *Komintern*. No capítulo V, “Concepções do *Cominter* sobre a América Latina (1919-1928)”, mostra o desconhecimento da IC sobre a região, o que a levou a incluir o Brasil no bloco de países semicoloniais. Dizia a IC sobre a revolução americana que, subjogados pelos EEUU econômica e politicamente, os povos latino-americanos não poderiam ser considerados independentes, sendo, na verdade, um território colonial dos Estados Unidos. Canale mostra também como posições da IC influenciaram teorizações no Brasil, em especial sobre a importância de os comunistas se aliarem à pequena burguesia revolucionária e à burguesia industrial contra o latifúndio (p.322), posições que Octávio Brandão repetiu em seu livro *Agrarismo e Industrialismo* e o PCB adotou no seu 2º Congresso, em 1925.

As inúmeras questões levantadas por Canale sobre os primeiros anos da organização comunista, sua relação com os anarquistas e com a IC. Sobre elas, diz o autor: “No fim de alguns capítulos, eu cheguei a pensar ter identificado algumas ‘verdades’ válidas para os nossos dias. [...] No fim do trabalho tinha muito mais dúvidas do que quando comecei. Creio que essas dúvidas são – pelo menos para mim –, o único lucro da pesquisa” (p.340).

Algumas questões por ele colocadas são especialmente oportunas: “Não quis vender gato por lebre. Para que enfeitar o livro com uma conclusão ‘edificante’ mas postiça, passando a plaina sobre as contradições, varrendo os paradoxos para debaixo do tapete, a fim de tirar uma moral unilateral orientada para um fim preestabelecido? Aí sim, que ficaria inútil ter feito a pesquisa. Se eu consegui incomodar o leitor e contagiá-lo com minhas dúvidas, dou-me por satisfeito. Quem buscar ‘certezas’ tem um grande número de autores à sua disposição” (p.340).

Reconhecendo o papel dos destacados militantes do período e dando a eles uma condição humana, diz Canale: “Quis evitar a veneração, pois isso não ajuda ninguém: só serve para tornar intangíveis uma experiência e um exemplo que – pelo contrário – devem ser continuamente mexidos e revolvidos” (p.340).

Este trabalho foi uma tese de Canale defendida na Alemanha e aprovada com louvor. Sem ter sido publicada, foi entregue pelo autor a José Luiz Del Roio, amigo e camarada, que dirigia o Arquivo Histórico do Movimento Operário em Milão. Agora, pelo empenho de José Luiz e de Augusto Buonicore, da Fundação Maurício Grabois, o livro é publicado. Destacam-se nessa publicação a apresentação de Buonicore e o prefácio de Del Roio, informativo e comvente.

Depois de muitas lutas, Dario Canale, um revolucionário internacionalista, “com seu corpo doente e com a crise que se agravava no Leste Europeu, achou que seu tempo tinha terminado e nada a mais tinha a dar. Seguindo a tradição do socialismo europeu do século XIX, deixou esta terra por suas próprias mãos, em 1989, com apenas 46 anos de idade” (p.27).

Dario Canale inicia o livro dizendo: “Ainda não há uma história do PCB: não só uma história que o partido reconheça como sua, mas tampouco uma que seja fundamentada nos mais importantes documentos já disponíveis”. Acredito que seu livro seja não só um incentivo, mas uma grande contribuição para essa história.